

OBRAS PASTORAIS E DOUTRINÁRIAS  
DO MUNDO IBÉRICO

TRATADO DE  
PREDESTINACIÓN Y  
LIBRE ALBEDRÍO

*Francisco José Díaz Marcilla*  
*Instituto de Estudos Medievais (NOVA*  
*FCSH)*

---

*O ensino da fé cristã na Península Ibérica*  
*(sécs. XIV, XV e XVI)*



# Obras Pastorais e doutrinárias do mundo ibérico

## *Tratado de predestinación y libre albedrío*

**Para citação e referência:**

DÍAZ MARCILLA, Francisco. “Tratado de predestinación y libre albedrío”. In: TEODORO, Leandro Alves (Org.). **O ensino da fé cristã na Península Ibérica (séculos XIV, XV e XVI)**. Banco de dados (Online). 2021. Disponível em:  
Consulta em: XX/XX/ XXXX.

## *Tratado de predestinación y libre albedrío*

Este *Tratado* – o nome que lhe é dado nos manuscritos em que a obra foi preservada – parece ter sido escrito por Gonzalo Morante (de la Ventura, segundo um dos manuscritos), um bacharel em Teologia, do qual tem sido tão infrutífera a busca por dados biográficos, que grande parte dos pesquisadores acreditam que ele nunca existiu<sup>1</sup>. É também autor de um segundo texto, a *Disputación* (conferir arquivo neste mesmo banco de dados). Os dados que servem para contextualizar a obra são os comentários do compilador Frei Sancho de Aibar, que afirma ter copiado esta obra por ser pertinente a uma discussão poética sobre predestinação e livre-arbítrio que foi levantada a Pedro López de Ayala "o Velho", isto é, o chanceler (1332-1407). Os poemas em questão estão preservados no *Cancionero de Juan Alfonso de Baena*, compilado por volta de 1432. A redação do *Tratado* pode, então, situar-se entre o final do século XIV e, mais provavelmente, o início do XV. Por último, sobre o outro personagem que participa do *Tratado*, o mau clérigo chamado Juan Rogel, também não foi possível averiguar nada, portanto, presume-se que ele também seja um personagem fictício.

O *Tratado* consiste em um diálogo entre Gonzalo Morante e Juan Rogel. A trama da narrativa começa explicando como Gonzalo Morante, em suas viagens por todo o mundo conhecido, acaba desembarcando em terras muçulmanas, especificamente em Organa – inexistente, porém poderia se tratar de Orã –, na corte do rei local. Lá, conhece Juan Rogel, que admite ter sido um sacerdote cristão, mas que na realidade não possui uma religião definida. Parece que, depois de várias perguntas e respostas, Gonzalo consegue satisfazer as dúvidas de Juan Rogel, de tal forma que no final restam apenas duas dúvidas a serem sanadas que são outro dos eixos narrativos do livro: a predestinação e o livre-arbítrio. É a partir daí que se abre o debate que reproduz o texto do *Tratado*. No texto fica bem claro que a predestinação é “a obra da sabedoria de Deus na qual é demonstrada sua perfeição eterna”<sup>2</sup>. Assim, com o fio da discussão, chega-se ao trecho em que a vinculação do autor (Gonzalo Morante ou quem quer que seja) com a obra do filósofo medieval Raimundo Lúlio (1232-1316) fica mais clara, sobretudo, quando recorre a uma resposta tripla para demonstrar o livre-arbítrio: por razões necessárias (de clara inspiração luliana), pela experiência sensível e inteligível, e pela autoridade da Sagrada Escritura. Sobre este último, é curioso que, quando chega a vez de expor o que dizem as Sagradas Escrituras e as autoridades eclesiásticas, o texto se limita a dizer que

---

<sup>1</sup> MARCILLA, F. J. Díaz. La influencia de Ramon Llull en el entorno del Cancionero de Juan Alfonso de Baena. *Antonianum*. V. 90, 2015, p. 179.

<sup>2</sup> MENDOZA, J. de Dios (ed.). *Fortuna y providencia en la literatura castellana del siglo XV*. Madrid: RAE, 1973, p. 406.

não vai repetir para não cansar o leitor. De fato, não há citação alguma, sendo a única referência à Bíblia o caso de Adão e que, por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, tinha, portanto, liberdade concordante com Deus.

Segundo Morante, quem considera Deus como detentor unicamente de sabedoria esquece os demais atributos e dignidades divinas, entre as quais, a “perfeição”, que explica que Deus não quer o mal ao não fazer nada para salvar os condenados, embora saiba quem são. Com efeito, diz: “Se o homem predestinado fosse necessariamente salvo, sem possibilidade de perder essa salvação, a sabedoria constringeria a justiça na medida em que a justiça não teria poder de julgar nem de influenciar aquele homem, e a justiça seria demasiada em Deus no que diz respeito ao juízo das criaturas, nem haveria porque julgar o homem, pois a sabedoria o teria constringido e forçado a fazer o que ele sabia que haveria de ser”<sup>3</sup>. Para Morante, “a predestinação se dá de duas maneiras: no predestinado é por um modo e é único, e na criatura é de outra maneira do que a predestinação no predestinado, porque é Deus e é eterno”<sup>4</sup>. Todos os homens estariam predestinados ao bem antes de nascerem, sem qualquer condenação, o que ele chama de predestinação “*eternal*”. Isso seria diferente da predestinação “temporal”, que é aquela que depende do livre arbítrio. Se o homem usar bem sua liberdade, ele obterá sossego na glória eterna.

Esta obra teve pouca repercussão em sua época, apesar de ter-se conservado três cópias – uma em Madrid (ms. 174 da Biblioteca Nacional), outra em Paris (ms. Espagnol 204 da Bibliothèque Nationale de France) e uma última em Roma. (ms. 1022 da Biblioteca Casanatense), embora todas as três sejam provenientes de Castela –, o que não diminui a sua importância a nível doutrinal, visto que é uma das poucas obras em formato de diálogo e em castelhano antigo. O fato de ter sido incluída numa recompilação – o códice de Paris – para o arcebispo de Toledo, Afonso Carrillo de Acuña (1410-1482), indica que a obra teve alguma repercussão em determinados círculos.

**Palavras-chave:** Castela medieval; predestinação; diálogo; livre-arbítrio

Francisco José Díaz Marcilla

Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH)

---

<sup>3</sup> MENDOZA, *op. cit.*, p. 472.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 460.

## *Tratado de predestinación y libre albedrío*

Este *Tratado* – nombre que se le da en los manuscritos en que se ha conservado la obra – parece haber sido escrito por Gonzalo Morante (de la Ventura, según uno de los manuscritos), un bachiller en Teología, del cual ha sido tan infructuosa la búsqueda de datos biográficos, que gran parte de los investigadores creen que nunca existió<sup>5</sup>. Es también autor de un segundo texto, la *Disputación* (ver ficha en esta misma base de datos). Los datos que sirven para contextualizar la obra son los comentarios del compilador, fray Sancho de Aibar, quien asegura haber copiado esta obra por ser pertinente para una discusión poética sobre la predestinación y el libre albedrío que le fue planteada a Pedro López de Ayala “el Viejo”, o sea, el canciller (1332-1407). Los poemas en cuestión están conservados en el *Cancionero de Juan Alfonso de Baena*, compilado en torno a 1432. Se puede entonces ubicar la redacción del *Tratado* entre finales del siglo XIV y, más probablemente, principios del XV. Por último, sobre el otro personaje que participa en el *Tratado*, el mal clérigo llamado Juan Rogel, tampoco se ha podido averiguar nada, por lo que se supone que es también un personaje ficticio.

El *Tratado* consiste en un diálogo entre Gonzalo Morante y Juan Rogel. La trama de la narración se inicia explicando cómo Gonzalo Morante, en sus viajes a lo largo y ancho del mundo conocido, acaba recalando en tierras musulmanas, concretamente en Organa – inexistente, pero que podría tratarse de Orán –, en la corte del rey del lugar. Allí encuentra a Juan Rogel, quien le reconoce que fue sacerdote cristiano, pero que en realidad no tiene religión definida. Parece que, tras varias preguntas y respuestas, Gonzalo consigue satisfacer las dudas de Juan Rogel, de tal manera que al final le quedan dos dudas por resolver que serán otro de los ejes narrativos del libro: la predestinación y el libre albedrío. Es a partir de entonces cuando se abre el debate que reproduce el texto del *Tratado*. En el texto queda bien claro que la predestinación es “la obra de la sabiduría de Dios en la qual es demostrada la su perfección eternal”<sup>6</sup>. Es así, con el hilo de la discusión, que se llega al pasaje donde queda más clara la vinculación del autor (Gonzalo Morante o quien sea) con la obra del filósofo medieval Ramon Llull (1232-1316), sobre todo cuando recurre a una respuesta triple para demostrar el libre albedrío: por razones necesarias (de clara inspiración luliana), por la experiencia sensible e inteligible, y por la autoridad de la Sagrada Escritura. Respecto a esto último, resulta curioso que, cuando llega el turno de exponer lo que las Sagradas Escrituras y las autoridades

---

<sup>5</sup> MARCILLA, F. J. Díaz. La influencia de Ramon Llull en el entorno del Cancionero de Juan Alfonso de Baena. *Antonianum*. V. 90, 2015, p. 179.

<sup>6</sup> MENDOZA, J. de Dios (ed.). *Fortuna y providencia en la literatura castellana del siglo XV*. Madrid: RAE, 1973, p. 406.

eclesiásticas dicen, el texto se limita a decir que no lo va a repetir para no cansar al lector. De hecho, no hay citación alguna, siendo la única referencia a la Biblia el caso de Adán y que, como fue creado a imagen y semejanza de Dios, tenía por tanto también libertad en concordancia con Dios.

Según Morante, los que consideran a Dios con sabiduría únicamente olvidan los otros atributos y dignidades divinas, entre los cuales, la “perfección”, que explica que Dios no quiera el mal al no hacer nada por salvar a los condenados, aunque sepa quiénes son. En efecto, dice: “sy el omne predestinado, de nesçesitat se oviese de salvar e que se non pudiese perder, la sabiduría costringiría a la justícia en quanto la justícia non avería poder de judgar nin obrar en aquel omne, e la justícia sería en Dios demasyada en el rrespecto del juyzio de las criaturas, nin avería por qué judgar en omne, pues la sabyduría lo tenía costrennido e forçado a fazer lo que sabe que ha de ser”<sup>7</sup>. Para Morante, “la predestinacion es en dos maneras: en el predestinador es por un modo et es vna, et en la criatura es otra que la predestinacion en el predestinador que es Dios et es eternal”<sup>8</sup>. Todos los hombres estarían predestinados hacia el bien antes de nacer, sin estar ninguno condenado, lo que denomina predestinación “eternal”. Esto sería diverso de la predestinación “temporal”, que es la que depende del libre albedrío. Si el hombre usa bien de su libertad, ganará sosiego en la gloria eternal.

Esta obra tuvo poca repercusión en su época, a pesar de haberse conservado tres copias – una en Madrid (ms. 174 de la Biblioteca Nacional), otra en París (ms. Espagnol 204 de la Bibliothèque Nationale de France) y una última en Roma (ms. 1022 de la Biblioteca Casanatense), aunque provenientes las tres de Castilla –, lo que no disminuye su importancia a nivel doctrinal, pues se trata de una de las pocas obras en formato dialogado, y, además, en castellano antiguo. El hecho de que fuera incluida en una recopilación – el código de París – para el arzobispo de Toledo, Alfonso Carrillo de Acuña (1410-1482), indica que la obra llegó a tener alguna repercusión en determinados círculos.

**Palabras clave:** Castilla medieval; predestinación; diálogo; libre albedrío

Francisco José Díaz Marcilla

Instituto de Estudios Medievais (NOVA FCSH)

---

<sup>7</sup> MENDOZA, *op. cit.*, p. 472.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 460.

## Bibliografia

MARCILLA, F. J. Díaz. La influencia de Ramon Llull en el entorno del *Cancionero* de Juan Alfonso de Baena. *Antonianum*. V. 90, 2015, pp. 619-650.

MENDOZA, J. de Dios (ed.). **Fortuna y providencia en la literatura castellana del siglo XV**. Madrid: RAE, 1973.

PERARNAU i Espelt, Josep. Los manuscritos lulianos en las Bibliotecas Casanatense y Angélica. *Anthologica Annua*. V. 21, 1974, pp. 185-248.

## Trecho traduzido e modernizado

### Tradução

Este livro foi tirado por mim, frei Sancho de Ayuar, bacharel em teologia, da escritura de um livro que foi feito sobre uma questão que houve entre Gonçalo Morante de la Ventura e um mau cristão que se tornou mouro, a quem chamam Hedar Rrogelli. E este foi mestre em artes e mestre na santa Teologia, e a razão e a intenção especial para que esta cópia tenha sido tirada, foi para responder a alguns poemas enviados a Pero Lopes de Ayala o velho sobre a matéria da predestinação e livre-arbítrio. E outrossim, foi isto escrito para responder a muitos homens sem ciência e a outros que logo fazem questão sobre esta matéria da predestinação.

### Original

Este libro fue sacado por mi frey Sancho de Ayuar bachiller en teologia de una escritura de un libro que fue fecho sobre una quistion que fue entre Gonçalo morante de la Ventura. Et un mal christiano que se tornara moro al qual llaman Hedar Rrogelli. Et este fue maestro en artes et maestro enla santa Teologia, et la rrason et la yntinçion por que este traslado fue sacado espeçial mente fue por responder a unas coplas que enviadas fueron a Pero Lopes de Ayala el viejo sobre la materia de predestinaçion et libre alvedrio. Et otrosy fue esto escrtio por responder a muchos omnes syn çiençia et a otros que luego topan en façer quistion sobre esta materia de predestinaçion.

**Autor do documento:** Gonzalo Morante de la Ventura (atribuido)

**Título do documento:** *Tratado de la predestinación y libre albedrío*

**Data de Composição:** Primeira metade do século XV

**Lugar de composição ou impressão:** Castela

**Imagem:** prólogo Bibliotèque National de France

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10032867x/f107.item.r=gonzalo%20morante>

